

Emilio e Oliver Twist

O sentimento da infância no século XVIII.

Ms. Edson de Sousa Brito

Resumo:

Este trabalho tem por finalidade apresentar e refletir dois momentos distintos, porém ligados, sobre o ‘nascimento da infância’. Nesta pesquisa serão trabalhados as preocupações de Jean-Jacques Rousseau, autor da obra Emilio, e Charles Dickens autor da obra Oliver Twist. Enquanto o primeiro tem o objetivo de delimitar a idade certa para iniciar a educação através do ensaio pedagógico, o segundo está decidido a relatar e, porque não dizer, denunciar os maus tratos à criança em sua época através da literatura romaneada.

PALAVRAS-CHAVE:

Infância, Literatura, Pedagogia.

O nascimento da infância

A história da infância pode ser considerada como uma possibilidade de reflexões sobre a forma como se entende a criança na atualidade. Assim, este trabalho se justifica ao discutir a respeito da elaboração do conceito de infância a partir dos estudos destes dois autores supracitados.

O conceito ou a ideia que se tem da infância na atualidade foi sendo historicamente construído. A criança, por muito tempo, não foi vista como um ser em desenvolvimento, com características e necessidades próprias, e sim como um adulto em miniatura. Essa reflexão pode ser encontrada em vários autores. Além dos já citados acima, podem ser lembrados também Philippe Ariès, Giorgio Agambem, Walter Kohan, entre outros.

Segundo Rita de Cássia Luiz da Rocha,

a discussão sobre a importância e o surgimento da infância está presente em pesquisas no campo da História, Sociologia, Filosofia, Psicologia, Biologia, Antropologia, Arqueologia, entre outras, sendo possível o entrelaçamento de diferentes olhares e autores. Justifica-se, portanto, considerá-la como essencial para todos nós que trabalhamos com crianças em diversas instituições de atendimento. (2010, online)

Ariès pode ser considerado o precursor da história da infância, pois seus estudos foram embasados em fontes variadas como a iconografia, diários de família, dossiês familiares, cartas, inscrições em túmulos entre outros. Assim surgem os primeiros trabalhos na área de história desta área, apontando para o lugar e a representação da criança na sociedade partindo do século XII chegando com seus estudos até o século XVII. Assim afirma o autor (1981, p. 26):

[...] é sempre, quer ou não, uma história comparativa e regressiva. Partimos necessariamente do que sabemos sobre o comportamento do homem de hoje, como de um modelo ao qual comparamos os dados do passado com, a condição de, a seguir, considerar o modelo novo, construído com o auxílio dos dados do passado, como uma segunda origem, e descer novamente até o presente, modificando a imagem ingênua que tínhamos no início.

O sentimento de infância, antes de tudo, é um fenômeno histórico. Somente passa a existir com a criação de um mundo das crianças diverso do mundo dos adultos. Estabelecer espaços de atuação privilegiada para as crianças pode ter sido um dos primeiros movimentos para a afirmação da Infância, seja limitando o acesso de crianças aos jogos, brincadeiras e espaços tidos como destinados aos adultos, seja censurando/limitando os adultos em sua conduta quando em contato com as crianças. (ARIÉS, 1981)

O mundo das crianças e dos adultos se faz fundamentado no pensamento da sociedade contemporânea. É certo que a partir da percepção da infância e da adolescência - com suas peculiaridades e especificidades - se possibilitaria a eclosão, no futuro, de um direito das crianças e dos adolescentes. É preciso um olhar histórico para que se perceba a construção social da

percepção da infância e da adolescência.

Philippe Ariès, em sua obra clássica, *História Social da Família e da Criança*, identifica os sinais da emergência do sentimento de infância. A sua premissa básica é a de não existir o sentimento de infância durante o Antigo Regime na Idade Média. Ariès recorre a análises, em especial, de elementos iconográficos para desvendar o processo de construção do sentimento de infância. Seus objetos de estudo são basicamente a criança e a família na França Medieval.

Para melhor compreender uma época é possível fazer leituras e releituras de obras clássicas com o objetivo de se entender algum aspecto ou tema tratado pelos autores em sua época. Essa é a intenção deste estudo ao analisar a obra *Emílio e Oliver Twist*. Como era vista a criança em seu tempo? Eram mini-adulto ou já havia algum tipo de separação entre mundos (infantil e adulto) ou sentimento de infância? É neste contexto que se passa a analisar a em primeiro lugar a obra *Oliver Twist* de Charles Dickens, em sua tradução oficial feita por Machado de Assis e Ricardo Lísias, e logo depois se fará a reflexão da obra *Emílio*. Da impossibilidade de se analisar toda obra e para que a reflexão seja possível, tanto e uma como em outra, se fará o devido recorte seja temporal ou temático.

Oliver Twist

Charles John Huffam Dickens, nasceu em Portsmouth no ano de 1812. Foi o mais popular dos romancistas ingleses da era vitoriana. A fama dos seus romances e contos, tanto durante a sua vida como depois dela, até aos dias de hoje, só aumentou. Através de sua ação como literário, Dickens se tornou um crítico social. Entre os seus clássicos merece destaque a obra ‘*Oliver Twist*’.

Quando Dickens começa a publicar os seus romances, tem à sua disposição um público formado pela revolução industrial. Londres tem mais de um milhão e meio de habitantes, devido à explosão demográfica e a um êxodo rural [...]. O trabalho infantil torna-se uma das características mais pungentes da economia inglesa. [...] Dickens aflorará estes problemas, é certo, mas conquistará o público burguês porque não se assumirá nunca como um revolucionário. (WIKIPÉDIA, 2010, online)

O ideal de reformar a sociedade esta presente nos temas da literatura de Dickens. No caso da obra *Oliver Twist*, essa análise concretiza, em especial, nos asilos para órfãos, porém pode-se dizer que também se dava nas relações sócias que envolviam a criança.

O romance de Charles Dickens, relata as aventuras de um órfão Inglês. Com a morte de sua mãe, no parto, e sem aparentes conhecidos, *Oliver Twist* é levado para viver em um orfanato. Com o passar do tempo enfrenta dificuldades de toda ordem para sobreviver. Com nove anos ele é mandado para aprender uma profissão: aprendiz de funerária. Não se adaptando e enfrentando perseguições por parte de outra criança mais velha, resolve fugir. Desesperado, embora determinado, Oliver consegue chegar às ruas de Londres depois de um caminho longo de difícil. Chegando a Londres se envolve com ladrões e acaba preso sem culpa. Sua vida começa a mudar quando conhece o Sr. Bownlow, o qual lhe dá comida, roupas, abrigo e afeto. Com o passar do tempo a história de Oliver é descoberta graças ao médico que fez seu parto e ele encontra seus familiares.

Neste trabalho nos interessa a fase do nascimento até a sua saída do orfanato. Esse recorte no tempo se dá entre zero e dez anos. O objetivo é apresentar como se deu a infância revelando o ambiente e preconceitos vividos e as dificuldades superadas como a fome e a violência. Tem-se a intenção de destacar a preocupação do autor frente a problemática que as crianças mais pobres, neste caso os órfãos, viviam na Inglaterra de séc. XIX.

O autor da obra *Oliver Twist*, inicia sua narrativa descrevendo como sucedeu o nascimento do personagem principal de sua obra. Logo após o parto escreve Dickens sobre a condição física do garoto:

A razão é esta. Houve imensa dificuldade em fazer com que Oliver desempenhasse as funções respiratórias, exercício fatigante, mas necessário à nossa existência. Durante algum tempo ficou o peçurrucho deitado no colchão de lã grosseira, fazendo esforços para respirar, oscilando entre a vida e a morte e inclinando-se mais para esta. Se durante esse tempo Oliver estivesse rodeado de avós solicitados, tias assustadas, amas experientes e médicos profundamente sábios, morreria infalivelmente. Mas como não havia ninguém, exceto uma pobre velha que havia bebido um trago demais e um médico pago por ano para esse trabalho, Oliver e a natureza ficaram sozinhos em face um do outro. (2010, online)

Cabe destacar neste trecho o peculiar comentário feito referente à família e ao que se pode chamar de Estado de Natureza. A preocupação com o estado de saúde da criança e a possível ação da família frente às dificuldades do nascimento, revela o despreparo que se tinha, na época, em relação aos cuidados para com o recém-nascido. O autor exalta a natureza humana que por si mesma possibilitou as condições necessárias para que a vida continuasse seu próprio caminho, no caso de Oliver.

Dando continuidade a análise, a próxima fala coube a mãe do recém nascido e a enfermeira, conforme segue:

— Quero ver meu filho antes de morrer! Disse a mãe de Oliver
[...] Ouvindo a voz da moça levantou-se e, aproximando-se da cama, disse com mais doçura do que se podia esperar do seu ofício:
— Oh! Não fale de morrer!
— Deus proteja a pobre mulher! — disse a enfermeira, [...] quando ela tiver vivido tanto como eu e tiver tido treze filhos e perdido onze, visto que só me restam dois aqui no asilo, então há de pensar de outra maneira. — Ora, vamos, pense na felicidade de ser mãe deste pequeno. (2010, online)

Era muito comum, antes de se pensar a infância como nos dias atuais, não dar a devida atenção à mortalidade infantil. Esse é ponto de destaque de Charles Dickens em vários momentos desta obra. De acordo com a fala da enfermeira pode-se perceber a preocupação do autor em denunciar esse fato do século XVIII-XIX. Em outro momento da obra, quando a localidade foi atacada por uma peste, escreve o autor:

Os mais antigos habitantes não se lembravam de ter visto tanta moléstia mortífera, principalmente nas crianças; numerosos foram os enterros a cuja frente ia o pequeno Oliver com um retalho de fumo que lhe ia do chapéu aos joelhos, o que causava grande pasmo e gosto a todas as mães. (2010, online)

Na ótica desta análise pode-se afirmar que a intenção do autor era criticar esse fato social, objetivando que seus leitores pudessem se atentar para este absurdo.

Oliver vive no orfanato até seus oito ou nove anos. Os fatos mais chamativos de sua vida até aos dez anos se dá na casa de uma senhora que ganhava ajuda financeira para cuidar das crianças que saíam do orfanato. Foi esta a segunda moradia do órfão. Dickens descreve esse novo local (que era também ligado ao orfanato) em sua narrativa:

No que respeita à velha, a cujo cuidado Oliver foi confiado, esse resultado era quase sempre a consequência natural do seu sistema. Justamente na ocasião em que uma criança conseguia existir com uma escassíssima porção de alimento, acontecia, oito vezes em dez casos, que a infame criança tinha a maldade de cair doente de frio e de fome ou deixar-se cair no fogo por descuido; então partia a desgraçada criaturinha para o outro mundo, onde ia encontrar os pais que não conhecera neste. Fazia-se às vezes uma devassa do caso mais interessante que de costume, a respeito de uma criança abafada debaixo de um colchão ou achada numa bacia de água a ferver em dia de varela, posto que este último acidente fosse raro, porque na casa da velha quase nunca se lavava roupa. (2010, online)

Neste local, vários aspectos chama a atenção do leitor. A falta de alimentação, a inanição das crianças e consequentemente a alta taxa de mortalidade, acidentes com crianças por falta de cuidado de seus preceptores. Todos esses aspectos fazem parte da crítica social de Dickens, em especial a falta de cuidado com as crianças. Sobre esse sistema de criação e a ação da natureza afirma o autor sobre o aspecto da vida de Oliver:

Tal sistema de educação não daria às crianças muita força nem grossas banhas. No dia em que completou nove anos, Oliver Twist era um pirralho, amarelo como um defunto e singularmente magro. Oliver devia à natureza ou a seus pais um espírito vivo e reto, que não teve dificuldade em se desenvolver, apesar das privações do estabelecimento, e foi talvez a isso que ele deveu ter chegado ao seu nono aniversário natalício. (2010, online)

Devido a toda essa situação que se encontravam, um grupo de crianças decide tirar na sorte quem deveria pedir mais comida durante uma das refeições. O escolhido foi Oliver. Essa atitude era inaceitável e como castigo o órfão esteve durante oito dias no cárcere por ordem do conselho do orfanato.

Depois deste fato, foi decidido pelos superiores da instituição a que Oliver pertencia, que o mesmo deveria deixar o orfanato. Assim ele foi encaminhado para a casa de uma família para que aprendesse uma profissão. Assim a descreve o autor sobre esse fato:

[...] O Sr. Bumble segurou no braço do fabricante de caixões de defunto e fê-lo entrar no asilo. O Sr. Sowerberry conferenciou com os administradores durante cinco minutos e ficou assentado que Oliver iria nesse mesmo dia para casa dele [...]. O pequeno Oliver foi levado nessa mesma noite aos administradores e informado de que ia entrar imediatamente, como aprendiz, na casa de um fabricante de caixões de defunto, e que, se se queixasse de sua posição, se voltasse ao asilo, seria embarcado para ser morto no mar ou a cacete. Oliver não manifestou nenhuma comoção. [...] Oliver não deixava de ter sensibilidade, mas os maus-tratos é que o tinham embrutecido tanto. Ouvuiu a notícia sem dizer palavra, pôs a bagagem debaixo do braço, e não era pesada, porque não passou de um pequeno embrulho, enterrou o boné nos olhos e, agarrando-se outra vez à aba da casaca do Sr. Bumble, foi levado por esse funcionário à casa do fabricante de caixões de defunto. [...] (2010, online)

Assim Oliver deixa o orfanato. A mudança para a casa desta família é o início de uma nova etapa na vida do órfão. Novas situações são vividas e novos aspectos são tratados e refletidos por Charles Dickens em sua obra. A segunda parte deste trabalho parte para a análise sobre o sentimento de infância em Rousseau desenvolvido, em especial, na obra *Emílio*.

Emílio

A escolha de Jean-Jacques Rousseau deve-se ao fato de se encontrar na obra *Emílio* muitos relatos sobre o desenvolvi-

mento da criança e, em especial, sobre a infância. Essa obra apresenta uma nova educação, ou seja, é um ensaio pedagógico sob forma de romance e nele o autor vê as crianças como sujeitos que se desenvolvem de forma autônoma e criativa, com o objetivo de fazer da criança um adulto bom. Conseqüentemente, os objetivos da educação para o filósofo mencionado, comportam dois aspectos: o desenvolvimento das potencialidades naturais da criança e seu afastamento dos males sociais.

A infância é o período onde são lançadas as sementes de um processo que concorrerá para a emergência de uma personalidade saudável, adaptada, feliz, capaz de lidar de maneira satisfatória com o mundo a sua volta.

De acordo com Launy “o desenvolvimento da criança e do adolescente é marcado por uma série de mutações bruscas” (1995, p. XVII), ou seja, o desenvolvimento físico e motor na infância são altamente dependentes da maturação biológica, mas é também suscetível a atuação ambiental. A criança é um ser ativo desde o nascimento. Ela é um ser em transformação, e vivendo em sociedade aprenderá a planejar, direcionar e avaliar a sua ação. Ao longo desse processo, ela comete alguns erros, reflete sobre eles e enfrenta a possibilidade de corrigi-los. Experimentam alegrias, tristezas, períodos de ansiedade e de calma. Não concebe vida em isolamento. Assim, afirma Rousseau: “que a criança corra, se divirta, caia cem vezes por dia, tanto melhor, aprenderá mais cedo a se levantar” (2003, p. 18).

De acordo com Rousseau da idade dos dois anos até os doze anos é denominado idade da natureza. A criança é vista como um ser integral, e não como uma pessoa incompleta, e intuiu na infância várias fases de desenvolvimento, em especial o cognitivo. A criança devia ser educada, sobretudo em liberdade e viver cada fase da infância na plenitude de seus sentidos, mesmo porque, até os doze anos o ser humano é praticamente só sentidos, emoções e corpo físico, enquanto a razão ainda se forma.

Esse momento na vida humana deve ser tratado como uma fase especial. Assim afirma Rousseau:

A infância tem seu lugar na vida humana, mas a criança não sabe disso. Cabe então aos seus responsáveis mantê-la neste lugar. Ela não deve ser nem animal, nem homem, mas criança; é preciso que sinta sua fraqueza e não sofra com ela; é preciso que dependa e não que obedeça; preciso que peça e não que mande (1985 *apud* CERISARA, 2001, p. 189).

A educação negativa, a liberdade bem regrada, ou seja, com limites para a criança; a educação sensitiva e da sensibilidade e, principalmente, a importância da infância na vida do homem. Para Rousseau “Tudo o que não temos ao nascer e de que precisamos quando grandes nos é dado pela educação” (ROUSSEAU, 1995, p. 08).

É preciso salientar que cada pessoa é única, independente da idade, com seus defeitos e virtudes. Por isso a infância requer muita atenção por parte dos adultos, pois se está construindo um cidadão íntegro, e, para educá-las corretamente, é preciso estimulá-las para estabelecer bases sólidas para o seu legado mais precioso: a educação.

A criança é concebida como um ser humano completo que, embora em processo de desenvolvimento e, portanto dependente do adulto para a sua sobrevivência e crescimento, não é apenas um “vir a ser”. Ela é um ser ativo e capaz, motivado pela necessidade de ampliar seus conhecimentos e experiências e de alcançar progressivos graus de autonomia frente às condições de seu meio.

Para que a infância seja estruturada é preciso que uma instituição de suma importância a acompanhe: a família. De todos os elementos que influenciam na formação da personalidade (escola, ambiente, companhia, cultura) os ensinamentos da família são sem dúvida os mais determinantes. A família é um organismo vivo e seu objetivo é gerar e preservar a vida. Assim durante a infância a criança adquire progressivamente uma série de capacidades motoras, psíquicas e mentais cada vez mais sofisticadas. Pode-se dizer que a família funciona como matriz de humanização.

A família é uma instituição que se apóia na cultura e nas tradições. É nela que a criança assimila os modelos que serão usados quando estiver convivendo em outros grupos. Há momentos de encontro e desencontros, de total e de quase nenhuma harmonia. “Forma desde cedo um cercado ao redor da alma de teu filho, outra pessoa pode marcar o seu traçado, mas apenas tu podes colocar a cerca. Moldam-se as plantas pela cultura, e os homens pela educação” (ROUSSEAU, 1995, p. 08).

Rousseau concebe a família como uma sociedade natural em que o pai e a mãe têm funções nitidamente estabelecidas, ou seja, cada um deve reconhecer sua função diante do próprio filho. A educação deve ser colocada como prioridade. A família é o primeiro grupo social no qual a criança fará parte mesmo antes do seu nascimento, pois adquirirá todos os hábitos e costumes que o meio a oferecer.

Na infância, os educadores possuem um papel muito importante, pois transmitem para as crianças em primeiro lugar a confiança de que necessitam para superar as dificuldades de adaptação. Dos educadores as crianças esperam obter afeto e proteção. Eles representam à figura do adulto que promove o equilíbrio do ambiente e será modelo que a criança irá seguir em seu

aprendizado.

Mestres zelosos sede simples, discretos, contidos. [...] Nada de belos discursos, nada mesmo, nem uma palavra. Deixai que venha a criança espantada como espetáculo, ela não deixará de vos fazer perguntas. (ROUSSEAU, 1995, p. XIX).

A escola deve ser um espaço onde as pessoas se encontram para educar e serem educadas de forma simplificada e organizada. Por isso, a competência do corpo docente tem um peso fundamental no desenvolvimento e na educação da criança durante a infância:

Quereis, então, cultivar a inteligência de vosso aluno, cultivai as forças que ele deve governar. Exercitai de continuo o seu corpo; tornai-o robusto e sadio, para torná-lo sábio e razoável; que ele trabalhe. Aja, corra e grite, esteja sempre em movimento; que seja um homem pelo vigor, e logo será pela razão (ROUSSEAU, 1995, p. 129).

A educação durante a infância é um processo longo e duradouro, é incentivar o desejo de desenvolvimento contínuo, é preparar as pessoas para as grandes mutações físicas, sociais e emocionais.

Bibliografia

ARANHA, Maria Lúcia de A. **História da educação**. São Paulo: Moderna, 1989.

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. Trad. Dora Flaksman. 2.ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.

CERISARA, Ana Beatriz. **Rousseau: a educação na infância**. São Paulo: Scipione, 2001, p. 189

DICKENS, Charles. **Oliver Twist**. Trad. Machado de Assis e Ricardo Lísias. São Paulo: Hedra, 2002. Disponível em: <http://machado.mec.gov.br/arquivos/pdf/traducao/matr03.pdf>. Acesso em: 21 abr. 2010.

KULHMANN, Moysés. **Infância**. Porto Alegre: Mediação, 1998.

PIAGET, Jean. **A Formação do Símbolo na criança**: imitação, jogo e desenho, imagem e representação. Rio de Janeiro: Zahar, 1971.

PRIORE, Mary Del (org). **História das crianças no Brasil**. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2000.

RIBEIRO, Renato Janine. O poder de infantilizar. IN: GHIRALDELLI JÚNIOR. (org.). **Infância, escola e modernidade**. São Paulo: Cortez ; Curitiba: Editora da Universidade Federal do Paraná, 1997.

ROCHA, Rita de Cássia Luiz da. **História da infância**: reflexões acerca de algumas concepções correntes. Disponível em: <http://www.unicentro.br/editora/revistas/analecta/v3n2/artigo%204%20hist%F3ria%20da%20inf%20E2ncia.pdf>. Acesso em: 14 maio 2010.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Emílio ou Da educação**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

SEGUNDO, Rinaldo. A invenção da infância: pressuposto para a compreensão do Direito da Criança e do Adolescente. **Jus Navigandi**, Teresina, ano 8, n. 178, 31 dez. 2003. Disponível em: <<http://jus2.uol.com.br/doutrina/texto.asp?id=4542>>. Acesso em: 13 jun. 2010.